

CONHECER PARA TRANSFORMAR

MOVIDOS PELA VONTADE DE FAZER A DIFERENÇA E DE MOSTRAR QUE TODOS SOMOS CAPAZES DE TORNAR NOSSO ENTORNO MAIS JUSTO E AMOROSO, FELIPE BRESCANCINI E GABRIELA GARCIA INICIARAM UMA JORNADA PELO MUNDO EM LUGARES QUE NÃO SÃO FAMOSOS PELOS PONTOS TURÍSTICOS, MAS MARCADOS PELA DESIGUALDADE, E FOI A PARTIR DESSA EXPERIÊNCIA QUE ELES CRIARAM O INSTITUTO THINK TWICE BRASIL, ENTIDADE QUE TEM O OBJETIVO DE INSPIRAR PESSOAS A ENXERGAREM ALÉM DO SENSO COMUM E RECONHECEREM SEU PAPEL SOCIAL.

Como surgiu a ideia de iniciar essa viagem por mais de 40 países?

Estávamos iniciando um período de transição de carreira. Nosso objetivo era começar a trabalhar para transformação social e acreditamos ser extremamente importante viver “na pele” realidades tão diferentes, para aprender com as pessoas antes de começar a trabalhar e transformar essas realidades positivamente de alguma forma. Já tínhamos a intenção de conhecer de perto a desigualdade social e os abusos e violações de direitos humanos pelo mundo, então, pensamos em conhecer países que tivessem um contraste cultural muito grande em relação ao Brasil e especialmente países com um baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), para assim vivenciar realidades bastante vulneráveis. Nós tínhamos essa paixão por conhecer diferentes culturas há muitos anos e, no formato que criamos, unimos essa paixão a um objetivo de aprender, para trabalhar com algo em que acreditamos.

Por que o nome “Experiência de Empatia”?

Demos o nome de Experiência de Empatia a esse projeto de pesquisa porque o objetivo era praticar a empatia ao tentar sentir e aprender pelo ponto de vista mais próximo possível realidades de pessoas que vivem em situações extremamente vulneráveis em razão de diversos fatores. Uma das formas que encontramos para fazer isso foi visitar organizações sociais e conversar com líderes comunitários que já realizavam um trabalho transformador, pois por meio deles poderíamos conhecer a realidade de diferentes comunidades como elas realmente são. Estivemos em uma escola palestina, em campo de refugiados no Líbano; ficamos dias em comunidades rurais remotas na Zâmbia; dormimos em casas nômades em um deserto da Mongólia; e festejamos o ramadã muçulmano na casa de uma família na Indonésia.

Quais foram os maiores desafios que encontraram?

Manter o equilíbrio emocional seria um desafio constante, uma vez que conhecemos semanalmente pessoas que vivem em condições muitas vezes extremas. Por mais que tentássemos ficar bem, em vários momentos nos sentíamos impotentes e muito desanimados por nos depararmos com situações de extrema vulnerabilidade. Outro desafio grande foi estar constantemente planejando a viagem, porque fomos somente nós dois; então, todos os dias tínhamos que pesquisar aonde iríamos, fazer contato com organizações das próximas cidades, pensar onde ficar, como se transportar, se precisávamos de visto, escrever os artigos relatando as experiências, editar os vídeos etc. Isso foi bastante exaustivo para a cabeça, por mais que houvesse momentos de descanso, pois sempre tínhamos aquela pendência para resolver para a semana seguinte.

De que forma esse encontro com realidades tão diferentes das suas os tocou?

Foi e continua sendo um aprendizado muito grande perceber que culturas podem ser extremamente diferentes, assim como costumes, leis e normas sociais. Como tivemos a grande felicidade de conhecer muitas organizações que fazem um trabalho de transformação social profundamente relevante ao melhorar as condições de vida de muitas pessoas, ficamos com uma sensação de esperança. Foi dolorido ver tantas realidades difíceis, imaginar quão profunda é a desigualdade social pelo mundo afora e perceber que nossa contribuição é bem menor do que aquela que gostaríamos, mas, ao mesmo tempo, descobrimos que existem muitas pessoas do bem se dedicando a mudar isso. Um dos grandes aprendizados foi ver que a maioria dessas lideranças sociais começou um trabalho inspirador praticamente sem

recursos, sem aprovação, sem parceiros. Elas começaram simplesmente acreditando e se dedicando de coração para fazer as coisas acontecerem.

Como vocês escolhiam as organizações que visitariam? Foram escolhidas antes ou durante a viagem?

As organizações, comunidades e pessoas que procuramos conhecer ao longo dos 40 países surgiram por indicações que tivemos antes de começar, ao buscar pela internet antes e durante a viagem e também ao conversar com pessoas pelas ruas, literalmente. Ao final foi incrível perceber que as coisas vão surgindo, e foi assim que tivemos o enorme privilégio de conhecer pessoas profundamente inspiradoras. Conversamos com algumas delas até hoje. As organizações que conhecemos no Zimbabué, em Uganda e no Irã foram indicadas ao conversarmos com pessoas extremamente gentis pelas ruas.

Contem-nos alguma história gratificante que encontraram em sua jornada.

Uma das líderes mais inspiradoras que já conhecemos foi Roseline Orwa. Ela é queniana e, por não poder ter filhos, foi profundamente estigmatizada na comunidade onde morava. Em razão disso, ela se divorciou e casou-se novamente. Infelizmente, seu marido faleceu anos depois. Rose foi ainda mais estigmatizada por ser então divorciada e viúva, a ponto de ter seu escritório incendiado. Sem deixar se abalar pelo medo, continuou a ser uma mulher muito forte e criou a RONA Foundation, uma organização no interior do Quênia que acolhe viúvas e órfãos na região de Wagoma. Eles conseguem arrecadar fundos para construir casas para essas famílias, pagar a mensalidade da escola das crianças, alimentá-las e ainda fazer um trabalho de advocacia no tema por todo o país. Desde o primeiro contato que fizemos com Rose, foi emocionante o carinho

e o acolhimento que recebemos. Ao chegar à cidade onde estão situados, Bondo, ela foi nos buscar na rodoviária para nos levar à RONA Foundation. Quando chegamos à organização, as crianças estavam nos esperando e começaram a cantar como forma de boas-vindas. Foi um dos momentos mais emocionantes, que guardamos para vida.

Eu imagino que, em uma experiência como a de vocês, valores e prioridades mudam. O que ficou para a vida de vocês e o que perceberam não fazer falta alguma?

Vivemos em uma sociedade na qual somos estimulados continuamente a ter mais e isso nos coloca em um ciclo de acreditar que precisamos ter cada vez mais dinheiro para tanto, o que não acreditamos ser verdade. Conhecemos pessoas que vivem em condições extremamente vulneráveis e que foram profundamente generosas e amorosas conosco, sem esperar nada em troca – apenas por amor, mesmo. Esse lado do ser humano é admirável e acreditamos que esteja dentro de todos nós. Em razão do modelo de desenvolvimento social atual, a Gabi e eu percebemos que nos sentíamos condicionados ao medo e a valorizar a preocupação com nós mesmos antes de tudo. Nesse processo de autoconhecimento, reconhecemos os privilégios que tivemos em uma sociedade cada vez mais desigual, para assim dar um passo atrás e refletir o que podemos fazer pra mudar um pouquinho o que está a nosso alcance para impactar a vida de mais pessoas. Foi assim que decidimos abrir mão de muitas comodidades para trabalhar com algo em que acreditamos. O que não nos faz falta alguma é querer ter mais e mais. Pensamos no trabalho como a realização de um papel social, no qual o foco é fazer algo em prol do bem comum, medindo os impactos positivos e negativos para sociedade, antes de pensar apenas no retorno financeiro para nutrir o “ter mais”.

FELIPE BRESCANCINI E GABRIELE COSTA BENTO GARCIA
FUNDADORES DO INSTITUTO THINK TWICE BRASIL.

